

## **Generalizações midiáticas sobre o Islamismo: Análise da cobertura dos atentados de 15 de novembro de 2015 em Paris<sup>1</sup>**

Gabriela Gonçalves NOGAROLLI<sup>2</sup>

Gessica Neli de Almeida LOBO<sup>3</sup>

Elza Aparecida Oliveira FILHA<sup>4</sup>

Zama Caixeta NASCENTES<sup>5</sup>

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

**Resumo:** A maneira como a mídia aborda as questões referentes ao Islamismo têm causado inúmeros conflitos. O objetivo deste estudo é enunciar, de forma concisa e coerente, os princípios e práticas do Islamismo e suas diferenças perante o Estado Islâmico. Com base nisso, analisamos a forma de abordagem dos atentados de 15 de novembro em Paris, por dois veículos jornalísticos impressos: A Folha de S. Paulo e a Gazeta do Povo, no período de uma semana após o atentado, com base nos estudos de cunho antropológico e das teorias da comunicação. Consoante a tais estudos, tornou-se evidente a presença de diferentes formas de preconceito para com Islã, com uma conseqüente negligência dos veículos midiáticos de como isso afeta a opinião do público leitor. Pode-se, assim, compreender tamanha é a importância de uma abordagem com bases sólidas.

**Palavras-chave:** Islamismo; Estado Islâmico; generalização; mídia; comunicação

### **Introdução**

Estima-se que o Islamismo seja a religião que mais cresce no mundo todo (IPC, 2015). Esse fator faz com que o mesmo esteja, a todo o momento, em foco na rede midiática. Infelizmente, o enfoque principal não é a cultura, modo de viver ou práticas religiosas, mas sim ao grupo denominado Estado Islâmico (EI), que tem causado grande terror a um enorme número de pessoas. Havendo uma grande diferença entre o EI e o Islamismo, é necessário compreendê-la e deixar de lado qualquer forma de preconceito ou julgamento precipitado.

Utilizou-se, como ferramentas de estudo, os conceitos de Pinto (2010) acerca das definições sobre o Islamismo em uma visão antropológica, e informações da rede de

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na DT 03 – Relações Públicas e Comunicação Organizacional do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

<sup>2</sup>Estudante de Graduação 5º semestre de Comunicação Organizacional da UTFPR, e da Graduação em Direito pela Unicuritiba, email: gabrielanogarolli@gmail.com

<sup>3</sup>Estudante de Graduação 3º semestre de Comunicação Organizacional da UTFPR, email:gessicaneli@gmail.com

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho: Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Professora da UTFPR

<sup>5</sup> Orientador do trabalho: Doutor em Literatura Brasileira pela UFPR. Professor da UTFPR.

notícias BBC Brasil para abordar o conceito de Estado Islâmico. Além disso, pautou-se em entrevista qualitativa para uma melhor assimilação da imagem passada pela mídia. Já na área das teorias comunicacionais, foram citados os estudos de Traquina (2005), Marcondes Filho (2002) e Serva (2001) acerca das Teorias do Jornalismo, Moraes (2006) - com ênfase na análise de Eduardo Galeno sobre a sociedade da incomunicação- de Schein (2009) sobre as definições de cultura e de Durkheim (2003) sobre as definições de religião.

Com o incontrolável aumento dos meios de comunicação, encontram-se, inúmeras vezes, equívocos referentes ao Islamismo e ao Estado Islâmico, acarretando a má informação dos receptores de notícias e a consequente generalização da cultura de um povo. Passando por uma análise de como a mídia informa -ou desinforma- e através da visão de dois meios de comunicação impressos, quais sejam, Folha de São Paulo e Gazeta do Povo, é possível enxergar a criação de conceitos incorretos que dão espaço ao surgimento de julgamentos antecipados e preconceitos. Assim, buscamos enunciar qual a verdadeira realidade do Islamismo e do Estado Islâmico, situando seus princípios, e demonstrando - por meio de conceitos e análise das mídias - a imagem deste que é passada à sociedade.

## 1. O Islamismo

O islamismo é uma religião que é corriqueiramente mal compreendida pela população em geral, sendo comum crer que árabes e islâmicos são termos idênticos. Isto não coincide, pois, o termo árabe denota exclusivamente a origem étnica do indivíduo, que é aquele que nasceu na Península Arábica, englobada pela região do Norte da África, a Síria, o Líbano, o Iraque e a Jordânia. Existem, ainda, diversos árabes que seguem o cristianismo e o judaísmo, sendo que aproximadamente 10% dos árabes no Oriente Médio são cristãos de diversas denominações - grego-ortodoxos, maronitas, mesquitas, católicos romanos, protestantes, etc.-(PINTO, 2010, pg 20)

A religião islâmica, por sua vez, é “a religião fundada pelo profeta Maomé no início do século VII, na região da Arábia. O Islã é o conjunto dos povos de civilização islâmica, que professam o islamismo; em resumo, é o mundo dos seguidores dessa religião. O muçulmano é o seguidor da fé islâmica, também chamado por alguns de islamita.” (VEJA, 2015). Sua doutrina constitui-se de seis principais artigos de fé: crença em um único Deus (Alá) eterno e criador; crença nos anjos; crença em profetas -sendo Maomé o último deles - ; crença nas revelações de Deus e do Alcorão como a perfeita palavra do mesmo; crença no

último dia de julgamento e na vida futura : ressuscitação/julgamento para o paraíso ou inferno e, finalmente, na predestinação: Alá decretou tudo que vai acontecer.<sup>6</sup>

A mais forte característica das práticas muçulmanas é a obediência aos Cinco Pilares. Estima-se, para eles, que a execução e respeito a estes princípios, junto a prática de boas obras, acarretará a vida no paraíso. Definem-se então:

1: O testemunho de fé (*Shahada*): "la ilaha illa allah. Muhammad Rasul Allah." Isto significa: "Não há outra divindade senão Alá e Maomé é seu mensageiro" . A afirmação dessa frase pode converter uma pessoa ao Islamismo, o Shahada é determinado como o pilar mais importante do Islã. 2: As orações (*Salat*): cinco orações precisam ser feitas todos os dias. 3: Pagamento do *Zakat* (Apoio aos Necessitados): Dar uma porcentagem específica sobre propriedades para as pessoas necessitadas. 4:Jejum (*Sawm*): os muçulmanos jejuam durante o Ramadã no nono mês do calendário islâmico. Eles não devem comer ou beber desde o amanhecer até o entardecer. 5:Peregrinação (*Hajj*): se fisicamente e financeiramente possível, um muçulmano deve fazer a peregrinação a Meca, na Arábia Saudita, pelo menos uma vez. O hajj é realizado no décimo segundo mês do calendário islâmico.<sup>7</sup>

A religião islâmica possui, ainda, uma enorme diversidade histórica, cultural e política. Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (2010) explica que:

(...) para além das divisões sectárias entre sunitas (cerca de 85% de muçulmanos) e xiitas (15%), existe uma enorme diversidade nas formas de se interpretar, praticar e vivenciar o islã que existe os diferentes grupos sociais e tradições culturais que compõem o mundo muçulmano. Os países de maioria muçulmana estendem-se em uma faixa de que vai do norte da África, com o Marrocos e a Mauritânia no extremo ocidental, ao sudeste asiático, com a Indonésia no extremo oriental. “Embora seja corrente no imaginário ocidental associar o islã aos países árabes do Oriente Médio, os árabes muçulmanos não são demograficamente dominantes no mundo muçulmano.” (PINTO, 2010, pg. 24).

Segundo o autor, o subcontinente indiano é a região com o maior número de muçulmanos, com cerca de 400 milhões de fiéis. A Indonésia, ainda, é o país com a maior população muçulmana, onde cerca de 90% dos seus 200 milhões de habitantes segue a religião. A partir do século XX, uma gama maior de comunidades muçulmanas começou a surgir em países europeus e americanos, com uma média de 5 e 6 milhões nos Estados Unidos, 4 e 5 milhões na França, 3 milhões na Alemanha e 1 milhão no Brasil.

### 1.1 O Estado Islâmico

<sup>6</sup><http://www.gotquestions.org/Portugues/Islamismo.html> e <http://www.islam-guide.com/pt/ch3-16.htm>

<sup>7</sup> Ibidem.

Muitas pessoas, contudo, crêm equivocadamente que o islamismo, como religião em si, e o Estado Islâmico, são a mesma coisa. No entanto, as diferenças são vastas, o que causa grande revolta aos muçulmanos que são frequentemente vítimas de preconceito. O Estado Islâmico (EI) teve origem em 2002, quando o jordaniano chamado Abu Musab al-Zarqawi criou o grupo radical Tawhid wa al-Jihad <sup>8</sup>. Segundo a rede de notícias BBC Brasil, estima-se que um ano depois da invasão liderada pelos Estados Unidos no Iraque, Abu jurou lealdade a Osama Bin Laden e fundou as bases da Al Qaeda no Iraque. Três anos depois, após o falecimento de Zarqawi faleceu, a Al Qaeda criou uma organização alternativa chamada Estado Islâmico no Iraque (em inglês, Isi). Em 2010, Abu Bakr al-Baghdadi tornou-se o novo líder do EI, o reconstruindo, fazendo alianças com outro grupo terrorista e cometendo diversos ataques. Com o crescimento do grupo e o aumento de controle de dezenas de outras cidades, Bakr se autodeclarou califa da região situada ao noroeste do Iraque e em parte da região central da Síria (o título de califa era dado aos antigos sucessores de Maomé, que possuíam autoridade política legitimada na região islâmica) <sup>9</sup>.

O Estado Islâmico sobrevive da venda de petróleo e gás, impostos e crimes cometidos. O especialista em segurança iraquiano, Hisham al-Hisham estimou, no início de agosto de 2015, que o número de combatentes do EI estaria entre 30 mil a 50 mil. É inusitado o fato de haver também a presença de jovens do Ocidente, determinados a integrar o grupo e servir ao seu propósito jhadista<sup>10</sup>. Seus principais objetivos são expandir o seu califado por todo o Oriente Médio e estabelecer conexões na Europa e outras regiões ao redor de todo mundo, realizando ataques que lhes confirmam poder<sup>11</sup>. A BBC também enuncia este fato:

Os membros do "EI" são jihadistas que fazem uma interpretação extrema do ramo sunita do Islã e acreditam ser os únicos reais fiéis. Vêm o resto do mundo como infiéis que querem destruir sua religião. Desta forma, atacam muçulmanos e não muçulmanos. Decapitações, crucificações e assassinatos em massa já foram usados para aterrorizar seus inimigos. Os militantes usam versos do Corão para justificar seus atos, como trechos que incitam a "golpear a cabeça" dos infiéis. (BBC Brasil, novembro 2015)

## 2.A imagem do Islamismo construída socialmente

---

<sup>8</sup> BBC Brasil

<sup>9</sup> <http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/estado-islamicogrupo-terrorista.htm>

<sup>10</sup> <http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/estado-islamicogrupo-terrorista.htm>

<sup>11</sup> Ibidem.

Apesar de todo esse contexto, tem-se a ideia que o islamismo é compacto e reduzido. Não há o entendimento de que ele é, na verdade, extremamente variado em sua forma. Acerca disso, Paulo Gabriel Hilu discorre:

A essa pluralidade geográfica, étnica e cultural (...) soma-se uma enorme diversidade nas formas de interpretação, prática e experiência do islã. A ideia de que o islã teria uma essência fixa que seria reproduzida independentemente do contexto histórico e cultural no qual ele se constituiu como fenômeno social é empiricamente falso. “A legitimidade, a forma, o significado e os efeitos práticos de doutrinas, rituais e formas de ser muçulmano variam através das fronteiras culturais, de acordo com os diferentes grupos de uma mesma sociedade e, ainda, segundo as trajetórias individuais.” (PINTO, 2010, pg. 25)

Além disso, o islamismo, principalmente após o ataque de 11 de setembro de 2001, nas Torres Gêmeas dos EUA, por meio de práticas terroristas da rede Al-Qaeda, começou a ser fortemente estigmatizado pelas pessoas e pela mídia no geral, estabelecendo-se uma imagem negativa e generalizada da religião. Com isso, o islamismo passou a constituir uma dimensão simbólica e política, passando de uma simples religião, a uma forma de ser e encarar os fatos do mundo, em oposição aos princípios do Ocidente. Neste sentido, Paulo Gabriel Hilu alega que:

O islã é frequentemente construído pelo imaginário cultural e discurso político das sociedades euro-americanas como uma alteridade radical. Segundo essas visões, o islã seria dotado de qualidades negativas- irracionalidade, fanatismo, autoritarismo, opressão as mulheres, violência e tradicionalismo- contrastado as que definiriam o “mundo ocidental”- razão, tolerância, liberdade, igualdade e modernidade. (PINTO, 2010, pg. 21).

Montenegro (2012) explica, ainda, que o termo Islã deriva de uma raiz árabe que significa *paz*. A autora alega que a mídia reforça equivocadamente a imagem de que muçulmanos são terroristas, estereotipando toda uma fé religiosa por meio de atos isolados praticados por fundamentalistas islâmicos, os quais possuem condutas que frequentemente nada têm de relação com o Alcorão. Fazendo um estudo de caso, a autora percebeu que algo que sempre incomodou os muçulmanos foi à falsa concepção, corrente também na mídia ocidental, acerca do termo *Jihad* presente no Alcorão. Esta palavra é comumente conhecida como “guerra santa”, como se fosse uma espécie de “guerra legitimada”. Contrariamente, o seu verdadeiro significado é o esforço e a luta interior de cada religioso na busca da paz interna.

O entrevistado Khaled Fayssal El Assal, libanês de 28 anos, nascido e criado no Líbano e muçulmano desde seu nascimento, comenta que a realidade é completamente

diferente do que a mídia demonstra. Khaled nasceu numa cidade chamada Rachaya, no Líbano, e veio para o Brasil aos oito anos, quando seu pai – um brasileiro- queria iniciar a vida no seu país natal. Ele alega, indignado, que “o que ele vê ou lê por ai dá muita raiva.” Em entrevista, perguntou-se como era a sua vida no Líbano e o seu dia a dia com a religião, e o que ele desejava repassar para as pessoas. Como resposta, Khaled relata: “Quem segue o Islã usa para tudo na sua vida. São pessoas muito honestas e humildes, sem exceção. Eles não têm com o que se defender, os países do Ocidente são infinitamente mais poderosos. Eu queria que falassem a verdade, que mostrassem como realmente é. Lá é tranquilo demais, não tem risco de violência, de roubo, dá pra viver em paz, as pessoas pagam por coisas mentirosas. “Eles” sempre colocam o terrorismo em evidência, fazendo o povo se afastar da cultura e religião. É uma religião de paz como todas as outras. Um dia antes do atentado em Paris ocorreu um atentado em Beirute, capital do Líbano, matando quase 50 inocentes e a mídia passou 10 segundos na TV e pronto, não deu importância como deu pra Paris. A religião islâmica nunca apoiou ou apoia qualquer coisa do tipo de terrorismo.”<sup>12</sup> (ASSAL, 2015)

### 3.A mídia como construtora de opinião

Na medida em que a imprensa surgiu e novas tecnologias começaram a eclodir, o papel da mídia foi sendo cada vez mais o foco de estudo de diversos pesquisadores. Traquina (2005) discorre sobre a chamada teoria do agendamento, que foi criada por Bernard Cohen e introduzida inicialmente pelos acadêmicos Maxwell McCombs e Donald Shaw numa revista norte-americana acadêmica, os quais, após anos de pesquisa, mudam o seu posicionamento:

A clássica exposição da marcação de agenda por Bernard Cohen (1963) - os media podem não nos dizer o que pensar, mas são surpreendentemente bem-sucedidos quando nos dizem no que pensar- foi virada de pernas para o ar. Investigações recentes explorando as consequências da marcação de agenda e do enquadramento dos media sugerem que os media não só nos dizem no que pensar, mas também como pensar nisso, e, conseqüentemente, o que pensar. (McCombs e Shaw,1993:65 *apud* Traquina, 2005, pg. 16)

Com isso, entende-se que ao jornalismo é atribuído um emblemático papel de formador de opinião. Traquina (2005) explica que há dois poderes fundamentais nesta profissão: a seleção dos acontecimentos e a construção destes como notícia. Na medida em que o jornalista extrai as informações para que o público tenha acesso, ele mostra às

---

<sup>12</sup> ASSAL,K. Generalizações midiáticas sobre o Islamismo: Análise da cobertura dos atentados de 15 de novembro de 2015 em Paris. [24 de novembro, 2015]. Curitiba. Entrevista concedida a Gessica Neli.

peças não somente no que pensar, mas também modela a maneira com que as informações irão chegar a elas e como elas devem refletir sobre o assunto abordado. Assim, acaba tendo um papel ainda mais relevante, pois pode inclusive determinar o que o público deve pensar a respeito de determinado tema, os quais são dificilmente apresentados de forma completamente imparcial.

De maneira semelhante é entendido o conceito de óculos usado por Pierre Bourdieu, para o qual jornalismo é um microcosmos e os jornalistas partilham “estruturas invisíveis que organizam a percepção e determinam o que vemos e não vemos” (Bourdieu, 1998, p. 19 *apud* Traquina, 2005, pg. 25). Este é, parecido com o de Thomas Patterson (1997), que defende que “a notícia é um relato altamente selecionado da realidade. O mundo oferecido aos espectadores é uma imagem “refratada” que passa através de um “prisma”- os valores notícia da comunidade jornalística (...).” (Patterson, 1997, pg. 449-450 *apud* Traquina, 2005, pg. 25). Entende-se que ambos os autores defendem que a notícia é uma visão específica da realidade, que traz uma determinada compreensão dos fatos na medida em que seleciona o que será veiculado.

#### **4. Atentados de 13 de novembro de 2015: uma análise pelo viés comunicacional**

No dia 13 de novembro de 2015, Paris foi alvo de ataques terroristas cometidos por extremistas islâmicos, deixando ao menos 129 mortos e 352 feridos, conforme dados da Folha de S. Paulo (15/10/2015). No dia 15 de novembro, a Folha apresentou uma “matéria especial” contendo oito páginas, intitulada “Paris sob Ataque”. A página inicial contém a imagem de uma criança deixando uma flor e uma vela em homenagem aos assassinados, em frente ao bar Le Carillon, com o título da matéria “Luto/Guerra.” Nas páginas seguintes são utilizadas várias outras imagens de cunho apelativo, como a marca de tiro na vidraça do bar acima mencionado e um outro homem prestando homenagem, e uma imagem com a legenda: “vídeo feito por jornalista francês mostra pessoas fugindo da casa de show Bataclan, pela porta dos fundos e pelas janelas; terroristas fizeram reféns no local na sexta (13).” (Folha, Especial Paris sob Ataque, pg. 8, 2015)

A reportagem tinha como principais títulos: “El reivindica atentados, e Hollande diz que é guerra”; “Atentado inaugura nova fase de atuação da facção terrorista”; “A hora do pânico”; “Massacre faz Europa reforçar sua segurança”; “Em minutos, noite vai da perplexidade ao horror em Paris”. Por meios desses títulos, percebe-se que a questão do atentado com a aproximação de uma iminente guerra foi bastante ressaltada, sendo que

todas as palavras usadas são fortes e carregadas. É evidente que se tratou de uma verdadeira tragédia e não se esperava uma abordagem sutil do tema, porém, ainda assim, notou-se que foram utilizados recursos para reforçar o medo e o pavor para o público leitor. Além disso, a origem e os avanços do Estado Islâmico foram profundamente tratados, explicando também a questão dos conflitos envolvendo a Síria e o ditador Assad com a França, os EUA e os demais países, visando, de forma geral, a explicação do fato ocorrido e não uma previsão sobre as consequências do atentado.

A exceção a isso é uma análise feita por Hussein Kalout, pesquisador de Harvard, com o título “Terrorismo não tem identidade”, abordando a questão de como atentados que acontecem no Ocidente são tratados de uma forma muito mais aprofundada e com destaque do que coisas similares que ocorrem em países orientais, alegando que “Um ataque terrorista perpetrado em qualquer cidade europeia ou médio-oriental, deveria ser visto com a mesma gravidade.” (KALOUT, 15/11/15 para Folha de S. Paulo). O autor explica que com essa postura, consentimos, quase que inconscientemente, com atos de mesma atrocidade ocorridos no Oriente Médio, pois de certa forma isso é encarado como natural e corriqueiro. Ainda sobre isso, o pesquisador escreve: “Em segundo lugar, é necessário afrontar a questão do terrorismo internacional não apenas sob os meros quesitos das motivações ideológicas, mas sob o olhar de quem dolosamente patrocina tais atrocidades contra civis indefesos nos mais variados lugares do mundo.” Com isso, ele faz uma reflexão sobre a questão de encarar o terrorismo em si, desatrelado da religião islâmica, de juízos de valor próprios ou qualquer forma de ideologia ou interesse. Assim, a matéria de Hussein é uma das poucas, deste dia, que critica a estigmatização a que o Oriente é submetido.

A Gazeta do Povo do mesmo dia (15 de novembro), de forma semelhante, fez uma reportagem especial denominada “Terror em Paris”, contendo 12 páginas. Apesar de não ter tantas imagens apelativas quanto a Folha, as frases de efeito seguem o mesmo padrão: “Alvo de dois ataques em um ano, França vira refém do terror e do medo”; “Paris amanhece vazia e assustada”; “Estado Islâmico diz que França continua no topo da lista”; “O EI se mantém por terror, intimidação e doutrinação”. Porém, percebeu-se que, em comparação com a Folha, a Gazeta buscou mostrar de forma mais aprofundada o cenário das diversas consequências do atentado, como a questão ressurgente da xenofobia, do fechamento de fronteiras e o preconceito ao islamismo. Ao mesmo tempo, buscou apontar-se uma visão levemente mais otimista, como se percebe no destaque à fala de François Hollande, presidente da França: “Nenhum bárbaro vai nos impedir de viver como decidimos viver. O



terrorismo não vai destruir a República.” (Gazeta do Povo, 17 de novembro de 2015). Em complemento a isso, Peter Dermant, autor de *o Mundo Islâmico*, alega, em entrevista:

Por um lado, os jihadistas, com seu programa de destruir a sociedade ocidental, são muçulmanos verdadeiros, embora de tendência extremista. Por outro, seu alvo pode deixar-se levar por generalizações islamofóbicas. (...) Os intelectuais têm grande responsabilidade para evitar esse efeito bumerangue. (Rodrigo Wolf Apolloni em entrevista à Peter Demant, *Gazeta do Povo, Vida e Cidadania*, pg. 11, 15 de novembro de 2015.)

A partir disso, percebe-se que a matéria ressalta a importância de pesquisadores combaterem essa visão generalista e de “efeito dominó” que é feita dos muçulmanos.

Notou-se, também, que neste período de uma semana após os ataques, dentre diversas reportagens (inclusive levando em conta as veiculadas pela Folha de S. Paulo) somente uma única foi feita para tratar verdadeiramente a respeito da religião islâmica, a qual teve como título: “Ocidente tem a falsa impressão de que existe uma aceitação tácita das ações terroristas.” Rodrigo Wolff Appoloni, na *Gazeta do Povo*, explica que países como a Palestina, o Iraque, Afeganistão e Síria são frequentemente noticiados na mídia com acontecimentos dramáticos, e que:

Na medida em que os veículos de comunicação desses locais normalmente não estão acessíveis ao grande público- o primeiro impedimento é o idiomático- ergue-se uma espécie de “barreira de silêncio” que em seguida dá lugar a um gigantesco campo de representação a respeito de como os muçulmanos tratam as suas próprias questões. (APOLLONI, 2015, pg. 12)

Ademais, percebe-se uma abordagem interessante e pouco comum do tema feita pelo jornalista: o fato de o Ocidente ter pouco ou nenhum acesso aos meios de comunicação destes países faz com que se crie a falsa impressão de que práticas terroristas são tacitamente consentidas por esta população. Ocorre um fenômeno de concentração do poder de informar, similar ao que Galeano (2006) descreve no livro “*Sociedade Midiatizada*, organizado por Denis Moraes (2006): “Nunca a tecnologia das comunicações foi tão aperfeiçoada: e, no entanto, nosso mundo se parece cada vez mais um reino de mudos. A propriedade dos meios de comunicação se concentra cada vez mais em algumas mãos (...)” (GALEANO, 2006, pg. 149), sendo que um pequeno grupo dominante tem o poder para dirigir a informação para a maior parte da população mundial. O autor explica que isto traz como consequência uma grave falha na comunicação, pois “Nunca tantos homens foram mantidos em incomunicação por um grupo tão pequeno.” (GALEANO, 2006, pg. 149).

A este “vazio” que existe em relação à forma com que os muçulmanos tratam de suas próprias questões, junta-se ainda uma espécie de “cultura da estigmatização” que foi se

consolidando através de valores intrínsecos e quase inconscientes na população do Ocidente. Isto é um processo difícil de se reverter de forma rápida, pois o homem é extremamente resistente à informação nova, conforme o pensamento de Bougnoux (1992):

Para que uma informação nos atinja, é preciso que nossa “forma” (nossa cultura ou sistema cognitivo) seja alterável. Um pensamento rígido ou cristalino não admite mais informação; tampouco um pensamento muito amorfo ou obscuro. A informação morre tanto por excesso de fechamento como de abertura e vive de um compromisso entre esses dois obstáculos do cristal e da fumaça. (Marcondes, 2002, pg. 119 *apud* Bougnoux, 1992:130)

Com base neste conceito, constata-se que o homem não é só fechado a informações novas quando já tem um pensamento consolidado em relação a um tema, mas é também, por vezes, facilmente influenciável e receptivo a informações novas, quando não entende devidamente acerca de um assunto. Isto se configura, pois, um dos motivos pelos quais a imprensa possui a grande responsabilidade de informar. Esta responsabilidade, porém, está sempre atrelada ao risco de formar ou reforçar opiniões possivelmente equivocadas a um público que está, de uma forma contrária, demasiadamente aberto a informações novas.

Um exemplo disso pôde ser visto em matéria de opinião publicada na Folha de S. Paulo, no dia 20 de novembro, na coluna de opinião nomeada como “A8 poder”. O jornalista Reinaldo Azevedo escreve um texto com o título: “Islamofobia uma ova!”, de cunho bastante forte e apelativo. No primeiro parágrafo, Azevedo intitula as comunidades islâmicas como “com o melhor marketing mundo” e cita mais alguns dos pontos que considera importantes:

O MELHOR marketing do mundo é o das comunidades islâmicas - e notem que nem vou discriminar se dessa ou daquela, já que o islamismo, por ser uma religião descentralizada, tem muitas vertentes, incluindo as que se matam mutuamente. Nota à margem: para escândalo do Corão, os muçulmanos são os que mais fazem correr o sangue muçulmano [...]  
(Azevedo para Folha de S. Paulo, 20 de novembro de 2015)

Logo no primeiro parágrafo do texto, encontram-se exemplos equivocados sobre o islamismo que, no momento em que são lidos, já criam uma determinada visão (bastante negativa) acerca da religião ao leitor interessado. Na sequência do texto, Azevedo argumenta sobre todo o atentado ocorrido em Paris uma semana antes e mostra sua indignação com o fato de algumas emissoras de TV não terem respeitado o luto dos familiares dos falecidos e de todas as atrocidades cometidas. O autor cita que houve uma preocupação maior em tratar acerca da “Islamofobia” e de um “Islã Pacífico” do que de

todo atentado. Esta posição, contudo, não coincide com o que foi observado na análise deste trabalho, pois constatou-se que o islamismo foi pouco tratado pela mídia em comparação a notícias referentes ao terrorismo, as quais permaneceram, por mais de uma semana, como assunto principal de diversos meios de comunicação. No parágrafo seguinte, o autor faz uma provocação: “se há esse Islã pacífico, que se manifeste.” E, por conseguinte, cita um caso para demonstrar seu pensamento sobre o Islamismo:

É preciso que a gente comece a pôr as coisas na balança, atribuindo ao horror peso que ele tem. Se existe o Islã pacífico - árabe, persa, turco, indonésio, paquistânes, afegão - que se manifeste então com expressões mais claras do que condolências retóricas. Na terça, no jogo amistoso entre as seleções da Turquia e da Grécia, em Istambul, vimos o estádio vaiar em peso o minuto de silêncio em homenagem as vítimas. Os turcos presentes aplaudiam os terroristas. Perdoem-me a crueza, mas aquela não era uma vaia de alguns extremistas. Era a expressão de uma cultura. Era o barulho de uma forma de viver a religião. E olhem que o país não é um exemplo de “extremismo islâmico” certo?

Percebe-se que no momento em que o autor refere-se ao Islã Pacífico que “deveria se manifestar” é evidente sua falta de informação sobre o assunto, pois é evidente a falsa correlação generalista e equivocada entre a religião islâmica e o Estado Islâmico que ele insiste em defender. A realidade é que os muçulmanos são vítimas e também sofrem com os atentados do EI como todas as outras pessoas. Não há evidência alguma de muçulmanos verdadeiros que apoiem o EI, mas, sim, como já dito anteriormente, muçulmanos que utilizam a religião de forma contraditória e como pretexto para validar seus atos de terror ao redor do mundo. Em sequência, ao falar dos povos turcos e que os mesmos “aplaudiam os terroristas” e “expressaram sua cultura”, percebe-se mais uma abordagem incorreta. Estima-se que 99% da população turca é muçulmana e segue a risca os Cinco Pilares<sup>13</sup>, sendo que o país também está presente nas ações contra o EI, participando de estratégias de defesa contra este ao redor do mundo. Em relação ao termo “cultura”, apontado pelo jornalista, vale ressaltar que Schein estabelece o seguinte conceito: “Cultura é a parte mais profunda, frequentemente inconsciente de um grupo.” (SCHEIN,2009,p.16). Diante disso, percebe-se que o jornalista generaliza os valores mais intrínsecos da sociedade turca como sendo correlatos com o apoio de práticas terroristas, dando espaço para que leitores criem uma falsa impressão acerca de um conceito extremamente complexo que é o da cultura de um povo. No último parágrafo do texto, Azevedo conclui com as seguintes frases: “Não adianta tapar os ouvidos. Em que país islâmico aquela vergonha não aconteceria?”. Finalmente,

<sup>13</sup> <http://focandonahistoria.blogspot.com.br/2012/12/a-religiao-turca.html>

com a conclusão do autor, nota-se uma maneira de informar equivocada, que alimenta a estigmatização da religião islâmica e a consolidação de uma visão deturpada acerca dos muçulmanos.

Com base nesse caso, percebe-se como o jornalismo assume frequentemente um poderoso e - ao mesmo tempo perigoso- papel de determinar o que as pessoas pensam sobre respectivo assunto. Outro exemplo disso foi encontrado na coluna denominada “A2 Opinião”, o articulista Hélio Schwartzman escreve um texto intitulado “Paradise now”. Nota-se que já há um convite chamativo para o mesmo na capa do jornal, com o título “Religião não pode ser totalmente isentada de culpa”, publicado ao lado de reportagens sobre o atentado na França, ocorrido uma semana antes da publicação. Schwartzman começa o texto citando um caso de falecimento de um ex membro do EI, questionando o momento em que sua esposa fala que agora ele estaria no “paraíso”. Mais além, após outros ataques a religião como um todo, o autor cita - de forma generalizadora - o papel do islamismo e “seus efeitos”:

Meu ponto é que, embora a religião seja, no atacado, inocente, não pode ser totalmente exonerada. Ela carrega o pecado de fazer com que pessoas normais vejam como respeitáveis as hipóteses mais extravagantes, como a ressurreição de mortos, nascimentos virginais e orgasmos infinitos. Quando ligam o modo religioso de pensar, crentes, até os mais pacíficos, já não acham tão absurda a ideia de que Deus quer que liquidemos infiéis. Essa solidariedade passiva ajuda a alimentar o terrorismo. (Schwartzman para Folha de S. Paulo, 20 de novembro de 2015).

Diante desse trecho, nota-se um acontecimento comum nos veículos de comunicação, que é a predominância de pensamentos etnocêntricos perante outras religiões, majoritariamente no islamismo. Segundo Durkheim (2003): “ (...) uma religião é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a ela aderem ”.(Durkheim,2003, pg 32). Seguindo a linha de pensamento antropológica, como citado acima, o autor descreve que toda religião é constituída por crenças, que seriam pensamentos, ideias, tudo aquilo que caracterizamos em nossa mente como pertencente a religião que seguimos. E os ritos, como todas as ações, práticas realizadas apenas definidas após a existência das crenças: “Os fenômenos religiosos classificam-se naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As primeiras são estados de opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados ”. (Durkheim, 2003, pg 19). Dentro do mundo das crenças, Durkheim estabeleceu que há duas divisões, sendo estas o sagrado e o profano. O sagrado, como já diz

a palavra, é tudo aquilo que cada pessoa adquire, considera como precioso para si. Já o profano, é tudo aquilo também constituído como crença, mas que possui menor importância. Além disso, o autor ressalta que a religião está atrelada à questão da coletividade e comunidade, sendo representada em grande maioria dos casos por um órgão maior, como a igreja, por exemplo. Isto faz com que seus membros se sintam mais conectados por compartilharem da mesma fé: “Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum”. (Durkheim, 2003, pg 28.)

Pensando em uma análise de cunho antropológico, quando Schwartzman alega que “(...) Quando ligam o modo religioso de pensar, crentes, até os mais pacíficos, já não acham tão absurda a ideia de que Deus quer que liquidemos infiéis” (...), a religião é como uma incentivadora ou até mesmo legitimadora de crenças irracionais e práticas terroristas, de uma forma generalizada. Seguindo os conceitos de Durkheim, é preciso identificar cada particularidade de determinada religião e respeitá-la, sendo que o conhecimento da mesma implicará na constatação de que ela não pode ser vinculada a atos bárbaros. O terno etnocentrismo, muito utilizado na antropologia, se encaixa perfeitamente neste tipo de caso. Ser etnocêntrico é deixar com que seus conceitos próprios e enraizados definam seus pensamentos sobre respectivos assunto, não analisando-os da forma merecida e criando, frequentemente, preconceitos, sendo que é isto que a opinião do autor deixa claramente transparecer. A partir desses conceitos entende-se, ainda mais profundamente, a grandeza que cada religião possui e a necessidade de tratá-las com o máximo cuidado possível.

Leão Serva (2000), em seu livro “Jornalismo e desinformação”, apresenta um conceito que pode ser aplicado a estes casos recorrentes da abordagem do islamismo na mídia: a chamada “deformação da informação”. Entende-se, segundo o autor, que há situações em que a desinformação gerada por alguns casos de submissão é tão grande, que chega a provocar a compreensão errada da informação, causando a deformação da informação. Neste sentido, entende-se a imagem equivocada criada por Schwartzman, que acarretará um efeito ruim para com os receptores (público para quem o jornal é destinado) e reforçará uma imagem negativa a religião islâmica como um todo.

### **Considerações Finais**

Com este artigo foi possível compreender que os dois veículos de mídia impressos abordados (Gazeta do Povo e Folha de S. Paulo), no período de uma semana após o

atentado terrorista pelo Estado Islâmico em Paris, apresentaram a mesma notícia com uma abordagem diferenciada: o primeiro tratou mais acerca das consequências do atentado, inclusive com o aumento da xenofobia, e buscou refletir acerca da estigmatização da religião islâmica pelo Ocidente. A Folha, por um outro lado, trouxe uma visão mais geral do atentado, tentando entender as suas causas, mas não buscou abordar de fato sobre o islamismo como religião, sendo que, de maneira geral, assumiu uma postura mais crítica em relação à “islamofobia.” Com essa postura dos colunistas, constatou-se o uso indevido de expressões e formas de falar sobre o islamismo, que somente reforçam a imagem negativa e equivocada que já permeia a sociedade Ocidental de uma religião que, na verdade, prega a paz, como todas as outras.

O conceito do óculos abordado por Bourdieu, juntamente à teoria do agendamento, abordados no livro de Traquina (2005), auxiliaram a entender o fenômeno de seleção de notícia que a mídia jornalística efetua, demonstrando uma visão específica de um fato. Por meio da visão antropológica de Durkheim e da definição de cultura de Schein, foi possível entender a evidente necessidade da mídia abordar a questão da religião islâmica com cautela, principalmente por se tratar de informações que servirão de conhecimento para diversas pessoas. Julgamentos precipitados e etnocêntricos acabam por alimentar uma cultura de preconceito, sendo necessário, em qualquer análise, deixar juízos de valor próprios de lado.

Mesmo quando não utilizados termos pejorativos e generalistas, a própria omissão, pela parte dos jornais, em fazer uma reflexão acerca da estigmatização da religião islâmica, auxilia às pessoas a reforçarem inconscientemente essa compreensão equivocada, o que só pode ser revertido com uma postura ativa da mídia.

## Referências

APOLLONI, Rodrigo Wolf. “**Terror em Paris: A tolerância que nasce na mesquita**”. Vida e Cidadania. Gazeta do Povo. Domingo, 15 de novembro de 2015;

APOLLONI, Rodrigo Wolf. **Terros em Paris: ”O el se mantém por terror, intimidação e doutrinação.”** Entrevista com Peter Demant, autor de “O Mundo islâmico”. Vida e cidadania. Gazeta do Povo. Domingo, 15 de novembro de 2015.

AZEVEDO, Reinaldo. **Islamofobia uma ova!**. A8 poder. Folha de S. Paulo. Sexta-feira, 20 de novembro de 2015.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 2003. São Paulo.

HUSSEIN, Kalout. **Terrorismo não tem identidade**. Especial: Paris sob ataque. Domingo, 15 de novembro de 2015.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A Saga dos cães perdidos**. Comunicação e Jornalismo. São Paulo, 2002. 2ª edição. Hackers Editores.

MORAES, Dênis. **Sociedade Mídia**. Rio de Janeiro, 2006. 1ª edição.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **Islã: Religião e Comunicação - Uma abordagem Antropológica**. São Paulo, 2010, 1ª edição. Editora Santuário.

SCHEIN, Edgar. **Cultura organizacional e liderança**. São Paulo: Atlas, 2009.

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação**. São Paulo, 2001, 2ª edição. Editora Senac São Paulo.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo I e II**. Florianópolis, 2005. 1ª e 2ª edição. Editora Insular Ltda.

SCHWARTSMAN, Hélio. **Paradise Now**. A2 Opinião. Folha de S. Paulo. 20 de novembro de 2015.

Autores variados. **Especial: Paris sob Ataque**. Folha de S. Paulo. Domingo, 15 de novembro de 2015.

<[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150423\\_eua\\_criacao\\_ei\\_fn](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150423_eua_criacao_ei_fn)> Visualizado em 20/11/2015

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/estado-islamico-conheca-o-grupo-seus-objetivos-e-suas-estrategias.html>>. Visualizado em 16/11/2015

<<http://www.gotquestions.org/Portugues/Islamismo.html>> Visualizado em 16/11/2015

<<http://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/estado-islamicogrupo-terrorista.htm>> Visualizado em 15/11/2015.

<<http://www.infoescola.com/curiosidades/distincao-entre-arabes-e-muculmanos/>> Visualizado em 16/11/2015

<<http://www.islam-guide.com/pt/ch3-16.htm>> Visualizado em 20/11/2015

<[http://infograficos.oglobo.globo.com/mundo/cinco-pontos-para-entender-o-grupo-isis/acoes-cruéis-18885.html#description\\_text](http://infograficos.oglobo.globo.com/mundo/cinco-pontos-para-entender-o-grupo-isis/acoes-cruéis-18885.html#description_text)> Visualizado em 20/11/2015

<<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/islamismo/perguntas.html>> Visualizado em 16/11/2015

MONTENEGRO, Silvia. **Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sob o islã no Brasil**.

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132002000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000100003)>

<<http://soufangroup.com/wp-content/uploads/2014/10/TSG-The-Islamic-State-Nov14.pdf>>

Visualizado em 20/11/2015

<<http://www.islam-guide.com/pt/ch3-16.htm>> Visualizado em 20/11/2015